



## **A prosa *pulp* da periferia**

*Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos,*  
de Ana Paula Maia

Isabel Bellezia\*

O livro se constitui de duas novelas aparecidas inicialmente no blog da autora, em movimento cada vez mais comum na atualidade, quando a internet se mostra um suporte quase gratuito e muito importante para a literatura. Basta pensar na quantidade de autores nacionais e estrangeiros que fazem circular sua produção em blogs e sites, até serem descobertos pelas editoras.

Ana Paula Maia chama seu texto de “folhetim *pulp*”, em alusão às revistas de *pulp fiction*, surgidas no início do século XX. Impressas em papel barato, dedicadas a histórias desprovidas de pretensões artísticas e voltadas para o entretenimento rápido, essas publicações reeditaram traços que o romance moderno havia superado e, em contrapartida, contribuíram para o surgimento de escritores que posteriormente se refinaram a ponto de marcarem a literatura mundial.

Uma homenagem recente a esse tipo de periódico foi feita pelo cinema, que, como arte cujo sucesso de público depende de muita coisa que a prosa pós-Joyce não quis mais para si, teve no longa-metragem *Pulp fiction – tempo de violência* uma de suas realizações mais bem resolvidas. Não por acaso, tanto o filme de Quentin Tarantino quanto o livro de que tratamos aqui realçam a violência que caracteriza espaços

\* Mestranda em Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa (UFRJ).

e personagens marginalizados. Entre o verbo e o sangue, Ana Paula Maia cultiva assumidamente recursos cinematográficos.

A novela que dá título ao livro se desenrola sob o sol de um subúrbio distante e traz à cena Edgar Wilson e Gerson, abatedores de porcos e apreciadores de brigas de cães ferozes. Em meio à podridão e à truculência, os dois se tornam verdadeiras máquinas de eliminar, da mesma forma que vibram com a matança promovida pelas rinhas. Associado à crueldade das atividades que exercem, existe o processo de mecanização a que estão submetidos, pautado pelo desempenho e a produtividade, princípios tirânicos resultantes do primado da razão. Despidos da sensibilidade que a modernidade aniquilou, ambos são conduzidos à irracionalidade, que culmina no extermínio indiscriminado de homens e animais.

Contudo, ao situar a narrativa no âmbito mais amplo da marcha desgovernada da humanidade e levar em conta a importância de a recepção dos textos ficcionais colocar em suspenso a moral, o leitor consegue experimentar compaixão por essas figuras. Afinal, se elas surgem degradadas, têm dentro de si resquícios de afeto, expressos ora pelo sonho de casar com a mulher amada, ora pela amizade verdadeira ou ainda pelo desejo de ver a neve – sonho que parece ainda mais enternecedor por ser vivido em meio ao calor sufocante de uma periferia não nomeada.

A novela seguinte, “O trabalho sujo dos outros”, é protagonizada por Erasmo Wagner, Alandelon e Erivardes, que se alternam entre o recolhimento de lixo, a construção de estradas e o desentupimento de esgotos. O texto confirma a desconstrução do sujeito cartesiano, agora forçado a manter uma espécie de subvida em meio à imundície produzida pela burguesia. A dureza do asfalto se compara à rudeza das personagens, que, esculpidas em cimento, encarnam o envilecimento

do trabalho que exercem. Outro traço a marcá-las é a fragilidade dos laços que estabelecem, típica do tempo feito apenas de esbarrões em que nos encontramos.

O fato de as fronteiras entre homens e animais se mostrar tênue nas duas novelas indica o submundo a que se vê relegada a alma humana e atinge como uma bofetada o próprio leitor, obrigado a se reconhecer pequeno e irracional. Daí podermos dizer que, além de construídos com bastante senso de narratividade, os dois escritos têm como grande mérito despertar um incômodo que, por se originar no campo estético não poderia levar a qualquer conclusão categórica sobre os desequilíbrios de nossa época e os descaminhos da humanidade, mas nos estimula a combinar o prazer da leitura com a reflexão sobre a condição humana.